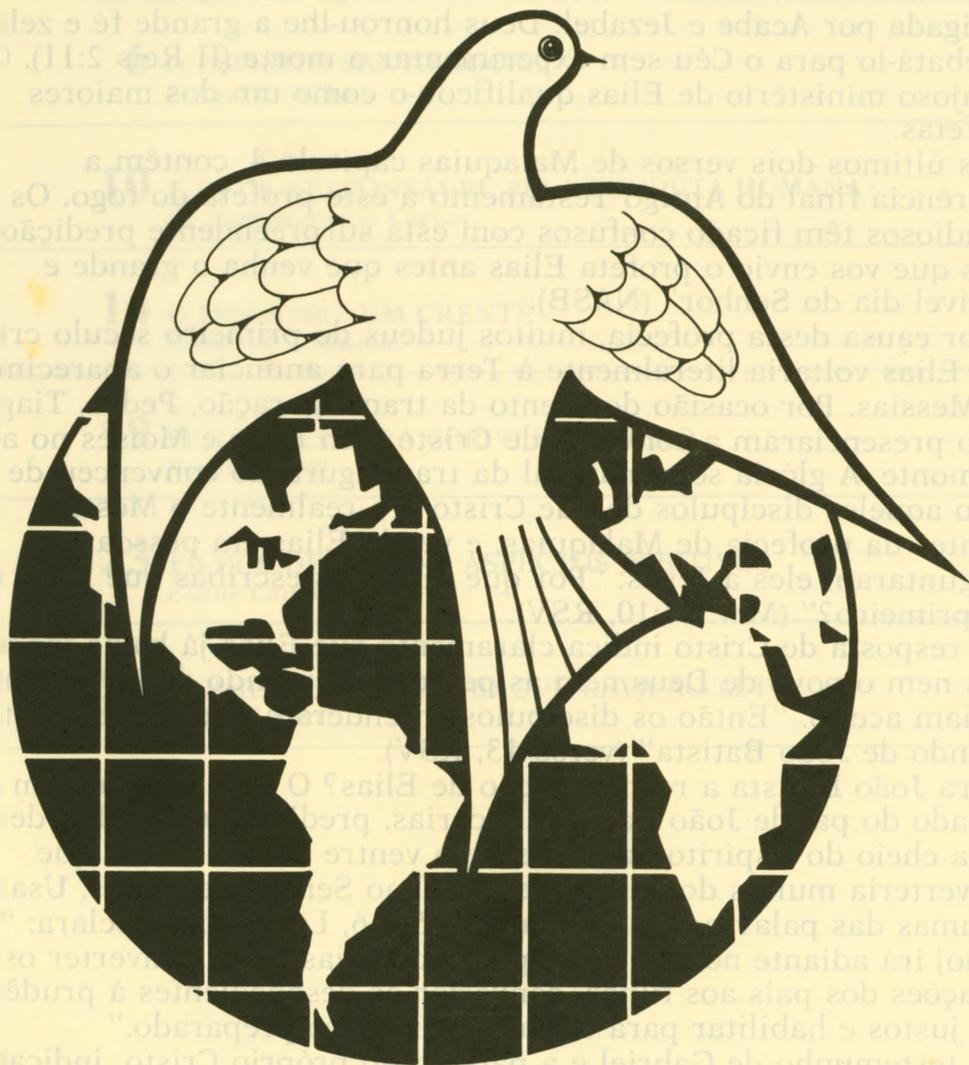


Ministério

Uma Revista Para Pastores e Obreiros

Adventista



O ESPÍRITO SANTO AGORA

A Volta de Elías

Mais de 2.800 anos atrás, Elias, mensageiro especial de Deus, dedicou-se inteiramente a Israel durante a grande apostasia instigada por Acabe e Jezabel. Deus honrou-lhe a grande fé e zelo ao arrebatá-lo para o Céu sem experimentar a morte (II Reis 2:11). O corajoso ministério de Elias qualificou-o como um dos maiores profetas.

Os últimos dois versos de Malaquias capítulo 4, contêm a referência final do Antigo Testamento a este profeta do fogo. Os estudiosos têm ficado confusos com esta surpreendente predição: “Eis que vos envio o profeta Elias antes que venha o grande e terrível dia do Senhor” (NASB).

Por causa desta profecia, muitos judeus do primeiro século criam que Elias voltaria literalmente à Terra para anunciar o aparecimento do Messias. Por ocasião do evento da transfiguração, Pedro, Tiago e João presenciaram a conversa de Cristo com Elias e Moisés no alto do monte. A glória sobrenatural da transfiguração convenceu de novo aqueles discípulos de que Cristo era realmente o Messias. Cientes da profecia de Malaquias, e vendo Elias em pessoa, perguntaram eles a Jesus: “Por que dizem os escribas que Elias deve vir primeiro?” (Mat. 17:10, RSV).

A resposta de Cristo indica claramente que Elias já havia vindo, mas nem o povo de Deus nem as pessoas do mundo daquele tempo o haviam aceito. “Então os discípulos entenderam que Ele lhes estava falando de João Batista” (verso 13, RSV).

Era João Batista a reencarnação de Elias? O anjo Gabriel, em pé ao lado do pai de João Batista, Zacarias, predisse que o filho deste seria cheio do Espírito Santo desde o ventre de sua mãe e que converteria muitos dos filhos de Israel ao Senhor seu Deus. Usando algumas das palavras de Malaquias 4:5 e 6, Lucas 1:17 declara: “E [João] irá adiante no espírito e poder de Elias, para converter os corações dos pais aos filhos, converter os desobedientes à prudência dos justos e habilitar para o Senhor um povo preparado.”

O testemunho de Gabriel e a palavra do próprio Cristo, indicam que João Batista veio, não como Elias literal, mas no *espírito e poder* de Elias, para preparar um povo para a primeira vinda de Cristo.

Os Elias do século vinte

Se Deus, por misericórdia e amor para com o mundo, enviou um mensageiro a fim de preparar o povo para o primeiro advento de

ARTIGOS

6 O ESPÍRITO SANTO AGORA

Pr. Neal C. Wilson

10 É DEUS RESPONSÁVEL PELA CONDUTA HUMANA?

Dr. Ramón Araujo Cuevas

14 O MINISTRO: UM CRENTE

Robert M. Johnston

19 JEJUM MELHORA CORPO E ESPÍRITO

Ronald J. Hill

23 FILHOS DE PASTOR: ASPECTOS POSITIVOS

Elaine Cunningham

26 HUMILDADE: CAMINHO QUE LEVA AO ALTO

Pr. Karl Bahr

Gerente Geral: Carlos Magalhães Borda; **Redator-Chefe:** Rubens S. Lessa; **Editor:** Almir A. Fonseca; **Diretor de Arte:** Urias P. Chagas; **Diagramação:** Vilma B. Piergentile; **Colaborador Especial:** Daniel Belvedere; **Colaboradores:** João Wollf, Severino Bezerra, Pável Moura, Luís Nunes, Jefte de Carvalho;

Todo artigo ou qualquer correspondência para a revista O MINISTÉRIO ADVENTISTA devem ser enviados para o seguinte endereço: Caixa Postal 12-2600 — 70279 — Brasília, DF. Editado bimestralmente pela CASA PUBLICADORA BRASILEIRA. Rodovia SP 127 — km 106 — Caixa Postal 34 — 18270 — Tatuí, SP.

Cristo, certamente o evento mais cataclísmico de todos os tempos, a segunda vinda, exige tratamento semelhante! A profecia de Malaquias quer dizer isto: Alguém viria no espírito e poder de Elias “antes que venha o grande e terrível dia do Senhor”.

Nosso combalido mundo necessita de um ministério que tenha o poder de Elias e de João Batista — um ministério que destemidamente chame o pecado pelo seu nome exato; que instará com o povo para que sirva ao verdadeiro Deus com amor e obediência! As características comuns tanto a Elias como a João Batista, ajudar-nos-ão a descobrir se estamos ou não pregando a mensagem de Elias.

Elias e João Batista ficaram cada qual sozinhos, um no Monte Carmelo e o outro no deserto. Ambos operaram sob governos corruptos — Elias no tempo de Acabe e Jezabel, e João Batista no tempo de Herodes e Herodias.

Ambos trocaram os prazeres e luxúrias da vida pela severa disciplina do deserto e da vida no campo. Tanto um como o outro foram treinados na sala de aulas da Natureza pelo próprio Deus, ao invés de nas escolas da época. Tanto àquele quanto a este foi confiada a simplicidade de um estilo de vida e vestuário. Ambos experimentaram de quando em quando uma forte solidão de espírito. Por preceito e exemplo, ensinaram ambos que os que desejam perfeita santidade devem aprender as lições da temperança e do domínio próprio.

Tanto um quanto o outro criam que a mais importante qualificação para qualquer líder é obediência implícita à palavra de Deus. Ambos resistiram à influência das maquinações humanas que os teriam desqualificado para as respectivas missões. Tanto o primeiro como o segundo compreendiam a importância da obra de reforma que devia ser levada avante nos seus dias. O primeiro, bem como o segundo, demonstraram grande fidelidade às ordens divinas, embora estivessem cheios de amor e compaixão para com o Seu povo.

Ambos os homens sentiam a importância da missão que lhes foi confiada por Deus e exerceram grande soma de fé. Experimentaram ambos, êxito em sua missão por causa da submissão ao Espírito Santo, em lugar de a suas qualidades inerentes. Ambos cometeram erros — Elias fugiu de Jezabel, com medo de perder a vida, e João por um momento teve dúvida se Cristo era realmente o Messias. Embora cada um deles tivesse suas imperfeições, pela união com Deus, cada um deles se tornou um irresistível poder para Deus.

Tanto Elias como João Batista atuaram em uma época de grande descrença e apostasia para com a lei de Deus, advertindo da vinda do juízo. Ambos denunciaram a corrupção nacional e censuraram os pecados prevalecentes. Ambos foram ministros da reconciliação. Tanto um como o outro enalteceu a autoridade de Deus como suprema. As mensagens que cada um deles proclamou, baseavam-se em um “Assim diz o Senhor”.

Um e outro reconheceram a natureza sagrada de seu ofício e a santidade de sua obra, mantendo-se afastados dos administradores e políticos mundanos. Tanto um como o outro deu com fidelidade suas mensagens, a despeito das conseqüências.

Deus usou a ambos aqueles homens para trazer reavivamento e reforma a Sua igreja. Ambos ajudaram muitos a retornarem ao culto do verdadeiro Deus.

A meditação sobre as qualidades que Elias e João revelaram, traz-me convicção ao coração. Estou eu convidando as pessoas da adoração ao Baal moderno para adorarem a Deus como o Criador e Mantenedor de toda a vida? Estou dignificando a santa lei de Deus, contida nos dez mandamentos, tanto na letra como no espírito? Quando apresento o evangelho, convido ao arrependimento? Estou eu, mediante o poder do Espírito, colocando solidamente os pés dos homens e mulheres sobre a Rocha eterna, Cristo Jesus? Estou humilhando meu próprio coração perante Deus, suplicando maior compreensão dos tempos em que vivemos? Sinto que o fim está próximo e que nosso Senhor Jesus voltará em breve?

Creio firmemente que pregar no espírito e poder de Elias significa advertir o nosso mundo sujeito a juízo de que sua prova logo terá fim e de que logo nosso Senhor Jesus Cristo aparecerá como Rei dos reis e Senhor dos senhores? Onde está você, companheiro?

J. R. Spangler

O Espírito Santo Agora

A promessa da chuva serôdia não é para o futuro. Ela está começando a cumprir-se hoje. Estais preparados?

Ao olhar através dos tempos com visão profética, Zacarias chegou até os nossos dias. Ele se interessou pelos acontecimentos finais do grande conflito entre Cristo e Satanás. Temendo que os filhos de Deus se tornassem descuidados e esquecidos nos últimos dias, ele os aconselhou a se prepararem para o principal acontecimento da História. Sua mensagem foi: "Pedi ao Senhor Chuva nos tempos da Chuva serôdia, ao Senhor, que faz as nuvens de chuva, dá aos homens aguaceiros, e a cada um erva no campo" (Zac. 10:1).

Espera-se que eu, um líder escolhido pela igreja mundial dos adventistas do sétimo dia, ajude a levar nossos membros a um relacionamento com Deus. Por causa da responsabilidade que me confiastes, sinto a necessidade de dar exemplo. A mesma responsabilidade repousa sobre cada líder de nosso povo, seja na família, na igreja local ou em uma divisão geográfica da igreja mundial.

Tenho a crescente responsabilidade de fazer com que cada um de nós se prepare para receber o derramamento da chuva serôdia. Seria exagerar, dizer que a importância e urgência de receber este poder prometido superam todos os outros assuntos que a igreja enfrenta? Deus nos está chamando para um mais estreito relacionamento com Ele, a fim de que nos possa conceder o poder de Seu Espírito e usá-los para a finalização de Sua obra na Terra. Digo isto por estar convencido de que chegou o tempo de irmos para o lar.

Ter o Espírito AGORA

Outro, quando se falava sobre a chuva serôdia e a concessão do Espírito Santo, havia um consenso de que necessitávamos desse poder e de que algum dia Deus irá conceder a chuva serôdia a Sua igreja. Uma vez, porém, que mantemos e nutramos a idéia de "algum dia", adiaremos a obra que deveríamos fazer para preparar-nos para receber o prometido dom.

Deus tem procurado levar-nos a entender que precisamos abandonar a idéia de "algum dia", e apegar-nos a Sua palavra. Deseja Ele dar-nos o poder do Espírito Santo AGORA. "A descida do Espírito Santo sobre a igreja é olhada como estando no futuro; é, porém, o privilégio da igreja tê-la agora. Buscai-a, orai por ela, crede nela. Precisamos tê-la, e o Céu espera para concedê-la." — *Evangelismo*, pág. 701. O Senhor não só nos afirma que podemos ter o Espírito *agora*, mas nos diz, pelo uso de três imperativos, o que devemos fazer a fim de recebê-Lo: buscar, orar e crer.

Crede nela

Se Deus está ansioso para conceder-nos este dom, por que somos tão relutantes em

Pastor Neal C. Wilson
Presidente da Associação Geral

pedi-lo e aceitá-lo — especialmente quando sabemos que ele capacitará a igreja a terminar a missão que lhe foi indicada e apressar dessa maneira o retorno de Jesus? A mensageira de Deus, Ellen White, pleiteia conosco para que peçamos este dom, oremos por ele e creiamos em que podemos tê-lo *agora*. Caros companheiros, não temos o que esperar.

Atrevo-me a dizer que muitos entre nós não compreendemos que os Céus esperam conceder-nos o Espírito Santo na experiência da chuva serôdia *agora*. Talvez Satanás vos tenha feito esquecer esta promessa ou a tenha ocultado de vós. Ou talvez tenhais estado a esperar um convite para crer nela e aceitá-la. Comprometi-me a lembrar nossos líderes e nosso povo desta verdade em toda oportunidade que tiver. Creio que Deus quer dizer o que nos disse.

Agradeço a Deus pelo fato de alguns dos administradores de nossas Associações e Uniões estarem tomando a Deus em Sua palavra, e por começarem a ajustar sua maneira de agir à obra de Deus, permitindo serem ajudados de acordo com sua fé. Deveria fazer vibrar o coração de cada Adventista do Sétimo Dia, saber que Deus quer conceder-nos a chuva serôdia *agora*. Deveria motivar-nos a um mais íntimo relacionamento com nosso Senhor e Salvador e uns com os outros. Queridos irmãos, permiti-me desafiar vossa fé. Aceitai o plano apresentado pela profetisa de Deus. Podemos ter o Espírito Santo *AGORA*. Deus prometeu.

Orai por ela

Ellen White nos diz que não devemos apenas crer, mas que devemos agir de acordo com nossa crença. Tenho ficado profundamente impressionado com relação à frequência com que ela faz ligação entre o recebimento deste dom e a oração.

Este é o segundo imperativo para o recebimento da chuva serôdia — devemos orar especificamente por ele. Muitas vezes acrescentamos o pedido em favor do Espírito em nossas orações quase como uma reflexão tardia, ou nele tocamos de longe numa lista de assuntos que desejamos trazer à apreciação de Deus. Para ser

honesto, no passado eu não orava pelo derramamento do Espírito Santo sobre a igreja com a intensidade e o fervor com que devia. Por aceitar a promessa de que a igreja pode receber o Espírito *agora*, estou gastando bem mais tempo falando com Deus sobre isto do que o fiz no passado.

Em alguns lugares, como na Associação da Grande Nova Iorque, os obreiros estão orando três vezes ao dia pelo derramamento da chuva serôdia. Esse tempo, contudo, está sendo aumentado; com bons resultados.

Jamais deveríamos pensar que chegará o tempo em que teremos orado o suficiente em favor do dom da chuva serôdia. “Não estamos querendo incomodar suficientemente ao Senhor, e pedir-Lhe o dom do Espírito Santo. E o Senhor deseja que O perturbemos quanto a este assunto. Ele deseja que insistamos com nossas petições ao trono” (*Loma Linda Messages*, pág. 408).

De novo: “À dispensação na qual agora estamos vivendo deve ser, para aqueles que pedem, a dispensação do Espírito Santo. Suplicai-Lhe a bênção. ... O derramamento do Espírito Santo é indispensável. Devemos orar por ele. ... Orai sem cessar e vigiai agindo de acordo com vossas orações. Quando orardes, crede, confiai em Deus. É no tempo da chuva serôdia, que o Senhor dará do Seu Espírito em grande medida. Sede fervorosos na oração, e vigiai no Espírito” (*The Bible Echo*, 7 de nov. 1898).

“O dom do Espírito Santo na experiência da chuva serôdia levará a igreja à correta posição, a fim de que Deus possa agir por seu intermédio.”

Quando leio declarações como estas, sinto-me cada vez mais impressionado com a insistência de Ellen White sobre este assunto e com a urgência que Deus deve ter tido ao comunicar esta instrução a Sua mensageira. A urgência e intensidade transmitidas por Ellen White revelam a urgência que Deus experimenta e comunicou a ela. Oro para que eu, de minha parte, seja capaz de compreender pessoalmente e transmitir-vos este senso de urgência e intensidade.

Sinto-me grandemente encorajado quando ouço relatórios de administradores da igreja que não somente crêem que é possível ter o dom da chuva serôdia *agora*, mas que estão pondo em ação a sua crença. Por exemplo, o presidente da União Atlântica na Divisão da América do Norte, crendo que o Espírito Santo lhe está disponível, e a todos os membros e líderes de sua União, começou uma vigília de oração em favor da chuva serôdia no escritório da União. Faz agora mais de um ano, nossos obreiros daquele escritório têm orado três vezes ao dia pelo derramamento da chuva serôdia sobre seu campo e o campo mundial.

Os funcionários do escritório da Associação da Grande Nova Iorque têm seguido o mesmo plano. Na verdade, a União seguiu este plano baseado naquilo que já estava acontecendo na Associação da Grande Nova Iorque. Não apenas os obreiros do escritório daquela Associação oram três vezes ao dia pela chuva serôdia, mas os obreiros do ministério de vanguarda de Nova Iorque gastam três horas em oração cada segunda-feira de manhã antes que os da vanguarda saiam pelas ruas de Nova Iorque. Mas isto não é tudo. Cada ano o grupo do ministério de vanguarda entra no que eles denominam "10 Dias de Oração", uma sessão de oração que é franqueada a todos os obreiros da Associação, de acordo com a irmã Juanita Kretschmar, esposa do presidente da Associação e diretora do ministério de vanguarda. Em 1989 os 10 Dias de Oração resultaram no batismo de um bispo Católico Ortodoxo.

Sob a liderança do presidente da União-Associação, outros presidentes de Associação na União Atlântica estão agora dirigindo os obreiros de seu escritório numa vigília de oração em favor da chuva serôdia. Nos escritórios das Associações da Nova Inglaterra do Norte e de Nova Iorque ascendem três vezes ao dia

orações em favor do poder que devemos ter se quisermos que a obra seja terminada.

Buscai-a

Até aqui temos sido ocasionais quanto a orar em favor da chuva serôdia, crendo que receberemos este dom em alguma ocasião no futuro. Bem poucos de nós o temos buscado ativamente. Precisamos mudar nossas orações para refletir o sentido de urgência do Céu quanto a este dom. Nossa crença de que podemos ter o Espírito *agora* deve basear-se numa fé viva e dinâmica. Devemos fazer um esforço consciente para entender pela Palavra de Deus e mediante a pena de Ellen White o que Deus nos ensinou a fazer para nos prepararmos para a chuva serôdia.

Deus não dará o Seu Espírito a uma igreja descuidada e indiferente. Nem concederá o poder contido neste dom enquanto ele continuar sendo um assunto de pequena monta e desprezado. Notai o que Deus requer de nós. "Não precisamos inquietar-nos com respeito à chuva serôdia. Tudo o que temos de fazer é conservar limpo o vaso, e com o lado certo voltado para cima e pronto para receber a chuva celestial, e conservar-nos orando: 'Deixai que a chuva serôdia caia no meu vaso. Permitted que a luz do anjo glorioso que se une com a do terceiro anjo brilhe sobre mim; dai-me uma parte na obra; deixai-me fazer soar a proclamação; deixai-me ser um colaborador de Cristo Jesus'" (*Upward Look*, pág. 283).

A única resposta a todas as nossas necessidades

Com freqüência temos lido sobre o urgente apelo da mensageira do Senhor, no sentido de nos prepararmos para o derramamento da chuva serôdia. Ela tem afirmado que o recebimento desse dom é indispensável à igreja, que devemos tê-lo, que a igreja não pode prosperar sem ele e que todas as demais bênçãos podem ser esperadas se tivermos esse único dom. Contudo, pouco se pensa ainda sobre o Es-

pírito Santo, e Seu poder e influência não é apreciado. Como igreja, conduzimos a obra que Deus nos confiou como se Ele fosse um Patrão ausente.

Esquecemos a lição ensinada pelo Antigo Testamento — Deus gosta de agir e intervir na história humana. Ele deseja revelar-Se ao mundo através de Seu povo. Ele deseja agir na história auxiliando, abençoando, salvando Seu povo, a fim de que as nações possam ver o Seu poder e glória, possam ver e saber quem Ele é, e alguns possam ser salvos. Ele, porém, não pode operar mediante Seu povo dessa maneira, enquanto este não se mantiver em correto relacionamento com Ele. O dom do Espírito Santo na experiência da chuva serôdia levará a igreja à correta posição, a fim de que Deus possa agir por seu intermédio. “Ele concederá o Seu Espírito na plenitude de Seu reavivamento, e não haverá recinto suficiente para recebê-Lo. Nada, a não ser o batismo do Espírito Santo, pode levar a igreja a esta correta posição, e a preparar o povo de Deus para o conflito que se aproxima rapidamente” (Carta 15, 1889).

Queridos colegas, o que pode ser mais claro? Todo o poder do Céu está à nossa disposição. O que mais podemos desejar? Como presidente da Associação Geral, desejo buscar ativamente a chuva serôdia, esforçando-me por preencher

as condições apresentadas por Ellen White.

Creio que a igreja pode ter o Espírito Santo *agora*. Desejo expressar esta crença em toda oportunidade de que dispuser e de toda maneira possível. O derramamento da chuva serôdia será o assunto mais importante que levarei a Deus em oração.

Assumindo este compromisso, convido todos os líderes da igreja, pastores e membros a assumirem o mesmo compromisso. Apelo para que acrediteis, oreis e busqueis. Prezados líderes, começai reuniões de oração em vossas instituições, organizações e escritórios. Caros pastores e membros da igreja, criai grupos de oração em vossas igrejas e casas. Ou nos dispomos agora a alinhar-nos com a vontade e os propósitos de Deus, ou poderemos ser culpados de perder uma oportunidade áurea, na história das nações, de ver a obra terminada. Deixai que orações pelo derramamento da chuva serôdia ascendam a Jesus no santuário celestial e ao trono da graça, vinte e quatro horas por dia.

Que se diga agora, daqueles que buscam a chuva serôdia, o que se disse certa vez da British União Jack: que o sol jamais se põe nos membros da igreja adventista que estão buscando o derramamento do Espírito de Deus, orando por ele e nele crendo.

É Deus Responsável Pela Conduta Humana?

Há somente duas ocasiões nas quais Deus tem o que ver com o endurecimento do coração humano: quando permite que o coração se endureça, e quando faz com que essa situação se torne efetiva, pelas constantes manifestações de Sua vontade, que levam à obstinação do endurecido.

Deus conhece o coração do homem e seus pensamentos; conhece a psicologia da contida humana, e sabe como o homem vai reagir diante dos reveses da vida e dos obstáculos que enfrenta. Contudo, não intervém de forma sobrenatural para justificar os resultados previstos.

Se Deus tivesse uma forma arbitrária de operar sobre os homens na Terra, então o faraó cujo coração se acredita que Deus endureceu (Êxo. 4:21) seria uma pobre e indefesa vítima de um poder superior e irresistível que sobre ele agia caprichosamente. Não tinha o direito de mudar o curso de sua vida, pois já havia sido feito provisão para assegurar os resultados de seus atos repreensíveis. Não era dono de sua vontade; para ele, não havia livre-arbítrio; mesmo que quisesse submeter-se a Deus, o poder divino que agia sobre sua liberdade de escolha o impedia desse bem.

Faraó não estaria incluído, pelo menos em nosso tempo, no plano salvador de Deus, e mais ainda, a atitude de Deus para com aquele ser humano poderia ser interpretada como um expoente de Seu comportamento para com outros tantos seres que seriam esmagados pela pesada mão divina sem poder fazer uso de seu di-

reito de escolha. Seres humanos haveria, que justificariam sua repulsa a Deus, invocando as mesmas razões que semearam desgraça na pessoa de Faraó.

Para Faraó, Moisés não representava só a figura de Deus, mas também um rival do trono do Egito; pois Moisés era o filho adotivo da princesa. Por isso, Faraó se recusava a deixar o povo ir.

Esta é, não obstante, uma ação incompatível com o ensino geral da Bíblia, relativa ao interesse salvador de Deus pelos homens, sem distinção de raça, nacionalidade, ou filiação religiosa (João 3:16). Ele faz que Seu sol saia sobre bons e maus, e que a chuva encha de frescor todos os filhos dos homens. Tal foi o anelo veemente de Deus pela raça caída que, mesmo sabendo que seria objeto de negação e menos-

Dr. Ramón Araújo Cuevas
Professor de Religião
Seminário Adventista
Latino-Americano
de Teologia

prezo, veio ao mundo na pessoa de Seu Filho, para que todos soubessem que se havia reservado a melhor provisão para todos os que quisessem desfrutar do plano divino da salvação.

Razões Para Seu Comportamento

O que aconteceu no caso de Faraó deve ser examinado à luz da história egípcia dos faraós. Se o faraó do Êxodo foi o Totmosis III, seu êxito em todas as campanhas militares, o fato de que o Egito alcançou uma posição invejável no âmbito econômico da época, e a questão de o próprio faraó ser considerado como deus, eram elementos suficientes para atribuir-lhe poderes insuperáveis. Por outro lado, se teve algum contato com o Deus hebreu, a impressão recebida não foi a desejável. Era o Deus dos hebreus, que de certo modo era também um Deus escravo.

A figura de Deus era vista por Faraó através de Moisés, mas, juntamente com isto, ele via também o rival mais competente ao trono, posição que cabia a Moisés por ser filho adotivo e favorito ao trono de Hatshepsut, a supostamente destituída rainha. A morte ou desaparecimento da rainha deu o trono a seu sobrinho Totmosis III, favorito dos sacerdotes.

A volta de Moisés poderia significar para o faraó uma luta pelo trono; uma revolta com o povo organizado, contra os egípcios, ou a eliminação do trono por não ser ele o legítimo herdeiro. De maneira que as manifestações sobrenaturais produzidas por Moisés não pareciam a princípio a Faraó, provas do poder de Deus, mas atos que revelavam o poder de um grande contendor com desmedidas ambições políticas. Este pode ter sido também o preconceito dos magos, até se verem obrigados a admitir a presença de um Deus superior (Êxo. 8:19).

Aceitar a superioridade do Deus hebreu era colocar-se em aberto conflito com a natureza de alguém que era na época o deus da maior e mais poderosa nação da Terra. Admiti-lo era a mesma coisa que renunciar a si mesmo como autoridade divina ou, pelo menos, reconhecer o Deus dos escravos como superior ao deus escravizador.

Faraó Recusa Consciente e Voluntariamente a Deus

A pergunta: "Quem é o Senhor?", feita pelo rei, denota uma desinformação voluntária e uma maneira depreciativa de referir-se a Deus, identificando-O com alguém de pouca significação; e a conclusão confirma essa atitude desafiadora: "Não conheço o Senhor, nem tão pouco deixarei ir a Israel" (Êxo. 5:2). O poder temporal e o poder "sobrenatural" nas mãos do rei, colocavam-no acima de qualquer outro poder, e era por isso invencível.

No contexto de sua própria história, Faraó não encontrava razões lógicas para submeter-se ao estranho Deus. A oposição e a resistência deveriam ser empregadas para mostrar aos intrusos representantes onde realmente repousava o poder. Dessa maneira, desde o início, Faraó deu mostras de possuir um coração que se negava a reconhecer a presença da soberania divina. As três diferentes palavras hebraicas que se referem a sua atitude (Êxo. 7:13 e 22 — *jazaq* = tornar firme; 7:14; 18:15 e 32 — *kabed* = obstinar-se; 13:15 — *gashah* = endurecer-se), denotam a intensificação de uma condição já existente na conduta do jovem monarca.

Não há dúvida de que Faraó era obstinado, que possuía uma vontade e propósitos férreos, fatores que o impossibilitaram de mudar de pensamento e ajustar-se às novas idéias. "Essas idéias estavam implícitas na expressão bíblica 'endureceu o coração' que não se refere às emoções, mas à mente, à vontade, à inteligência e às reações. O temor pela segurança física e a obstinação do monarca egípcio entraram várias vezes no drama (Êxo. 8:8, 9, 28 e 32; 10:16, 17, 20, 24, 27 e 28; 12:31 e 32; 14:5), embora sempre com iguais resultados.

Ao resistir a Deus, Faraó assumia uma conduta deliberada e consciente. Em Êxo. 9:27 o rei faz uma clara confissão de sua maldade, mas seus rogos não provinham de um arrependimento sincero, mas do temor por sua segurança, que desaparecia ao mesmo tempo que desaparecia o perigo. "Essas confissões, da mesma forma que suas promessas, não eram o efeito de uma mudança radical em sua mente, mas arrancadas pelo temor e a angústia".

A resistência de Faraó ao que Deus lhe mandava fazer era uma clara confissão de sua maldade. Seus rogos não provinham de arrependimento sincero, mas de temor por sua segurança, temor que desaparecia quando passava o perigo.

O endurecimento não é, então, uma definida reação às pragas apenas, mas também a descrição de um estado de espírito. Note que a frase “endurecer-se” vem sempre depois que a praga foi retirada (Êxo. 8:37).

“Não foi exercido um poder sobrenatural, para endurecer o coração do rei. Deus deu a Faraó as mais notáveis evidências de Seu divino poder, mas o monarca se negava obstinadamente a aceitar a luz concedida.” Toda manifestação do poder infinito que ele recusou, impeliu-o mais e mais em sua rebelião. Ao manter sua teimosia e aumentá-la gradualmente, endureceu-se-lhe cada vez mais o coração, até que foi chamado a contemplar o frio rosto de seu primogênito sem vida.

Interpretação do Texto

A frase “endurecerei o coração de Faraó” não parece achar uma interpretação literal nas declarações de outros escritores bíblicos. Em I Samuel 6:6, por exemplo, o escritor atribui ao próprio Faraó o ato de endurecer-se; por outro lado, Moisés, a melhor testemunha ocular do drama, afirma que Faraó foi quem endureceu o próprio coração (Êxo. 7:13, 14 e 22; 8:15, 19 e 32; 9:7, 34 e 35).

O próprio Senhor interpreta Sua declaração, quando admite em Faraó uma teimosia voluntária (Êxo. 7:14). Como poderia Ele exigir de Faraó uma mudança de atitude em favor de Seu povo, se é Deus mesmo quem anima e fortalece essa obstinação? Para Gregório Nacianceno, “Deus reserva a última gota de Sua ira para

derramá-la sobre aqueles que, em vez de ser salvos por Sua bondade, aumentam sua obstinação, como o endurecido Faraó, lembrado como exemplo do poder de Deus sobre o ímpio.” E Agostinho acrescenta: “O fato de ser dito ‘endureci ou endurecerei o coração de Faraó’, não significa que ele — Faraó — não endureceu seu próprio coração. Pela mesma razão se diz dele, depois que foi removida a praga das moscas dos egípcios: ‘E Faraó endureceu também desta vez o coração, para não deixar ir ao povo.’”

Deus não precisava usar a força para reduzir o orgulhoso rei e demonstrar-lhe Sua superioridade. É desnecessário dizer que Faraó não dispunha de condições para se opor a Deus como se fora Seu igual. Por isso, endurecê-lo para com ele entrar em litígio ou num duelo desigual, parecia injusto, uma qualidade alheia à natureza de Deus. A frase deve ser entendida, de acordo com a linguagem bíblica, no sentido em que se atribuem todos os fatos diretamente, prescindindo das causas seguidas. Os prodígios efetuados por Moisés, enviado de Deus, são causa do endurecimento do coração de Faraó e, nesse sentido este endurecimento é atribuído a Deus, que opera os prodígios. (Ver Deut. 29:4). Em outras palavras, cada manifestação do poder de Deus, longe de atrair o coração do rei, endurecia-o, e o tornava mais obstinado.

Embora consciente do poder superior que atua, quando diz a Moisés: “Pede a Deus por mim”, em lugar de reconhecê-Lo e a Ele submeter-se, termina rejeitando-O. As obras grandiosas de Deus fortaleciam gradualmente ao rei em sua aberta negação de reconhecer ao Deus superior.

Um caso semelhante nos dias de Jesus

Algo semelhante acontecia com os dirigentes judeus diante das obras de Jesus. As evidências divinas que O acompanhavam, contribuíam para a recusa e menosprezo (João 9:29) dos líderes religiosos, e as obras que Lhes estavam além da compreensão eram atribuídas ao príncipe dos demônios (Mateus 9:34). A ressurreição de Lázaro, fato insólito na história do povo judeu, era a prova culminante da identi-

dade divina de Jesus. Com aquele acontecimento, todo resquício de dúvida perdia sua validade. O milagre não podia ser atribuído senão a alguém que possuía credenciais divinas. Contudo, alguns dos dirigentes que presenciaram o acontecimento foram aos fariseus com a informação que produziu esta desesperada interrogação: “Que estamos fazendo, uma vez que este homem opera muitos sinais?” (João 11:47).

O maior de todos os milagres e a prova irrefutável de Sua divindade, em lugar de inclinar o coração dos dirigentes em humilde e reverente reconhecimento, serviu tão-somente para apressar e levar a efeito o plano previamente concebido de eliminá-lo fisicamente (João 11:10). Para Caifás, Jesus não era um homem comum (João 11:47); não podia, contudo, permitir que o poder e a influência que exercia sobre o povo se enfraquecesse diante de um homem já tantas vezes recusado pelos representantes do poder. Para ele Jesus era-lhe um rival.

Estabelecia-se aqui outra luta desigual, que terminaria também na recusa deliberada (João 7:51) pelos líderes religiosos, e a eliminação física de Deus como a suprema e única saída momentânea; uma repetição da atitude decidida de Faraó em iguais circunstâncias (Êxo. 10:28).

O que aconteceu com Faraó no Egito, assemelha-se ao que ocorreu mais tarde com os líderes religiosos do povo judeu. Estes sempre se mostravam endurecidos diante dos milagres que presenciavam nos dias de Jesus.

Embora um bom número de sacerdotes reconhecesse posteriormente em Jesus um “Deus conosco” (Atos 6:7), os que se mantiveram em

franca oposição, continuaram alimentando sua rebeldia, primeiro subornando os soldados romanos para que negassem a ressurreição de Jesus (Mat. 28:11-15), um fato impossível de ocultar, e depois, rejeitando-O nas obras que, em Seu nome, Seus seguidores realizaram (Atos 4:16).

Dessa maneira, a atitude assumida pelos líderes religiosos pouco difere da revelada por Faraó, e ambas podem ser classificadas como um ato voluntário de recusa às possíveis evidências da presença divina. Faraó não viu a Deus, mas somente a Suas obras; e mesmo assim O recusou. Os líderes religiosos não só Lhe viram as obras, mas também a Deus em plena produtividade; mas, mesmo assim, Jesus continuou sendo para eles “esse homem”, expresso de maneira vulgar e desprezível (Atos 5:8).

Não é Deus quem endurece o coração de um indivíduo mediante intervenções sobrenaturais; este ato é o produto das experiências normais da vida que operam através dos princípios do caráter da natureza humana, que são por ele determinadas. A interpretação da dureza e obstinação do homem como parte dos designios de Deus não elimina a liberdade e responsabilidade da parte do homem, mas prova que o “resultado da impiedade pode ser usado por Deus para Seus próprios fins”.

Portanto, Deus não é responsável pelo comportamento incorreto do homem que O rejeita seguidas vezes em sua luta por ignorar-Lhe o poder e as obras. É finalmente, a maldição do pecado que endurece o coração e o torna cada vez menos suscetível às manifestações do amor, paciência e perseverança divinos. Só pode ser atribuído a Deus o ato de endurecer o coração em dois casos: de permissão, quando dá tempo e espaço às manifestações de oposição humana; e de efetivação, pelas contínuas manifestações de Sua vontade, as quais levam o duro de coração a tal extremo de obstinação, que não pode retornar ao pensamento sensato, e assim o pecador endurecido se torna réu do juízo divino.

O Ministro: Um Crente

*Apenas os ministros que conhecem
a Deus podem dar aquilo que as pessoas
vêm buscar na igreja.*

“**E**a vida eterna é esta: que Te conheçam a Ti, o único Deus verdadeiro, e a Jesus Cristo, a quem enviaste” (João 17:3).

Apresentamos muitas razões para ir à igreja — companherismo, inspiração, culto. Todas estas coisas, porém, são destituídas de sentido em si mesmas. O que na realidade as pessoas desejam no íntimo de sua alma é encontrar a Deus ali. E depende em grande parte do ministro elas O encontrarem ali, pois em grande parte é o ministro quem determina a espiritualidade do culto. Bem-aventurado o ministro e a igreja que podem levar os visitantes a dizerem após o culto o que disse Jacó em Betel: “Na verdade o Senhor está neste lugar; e eu não o sabia. ... Quão temível é este lugar! É a casa de Deus, a porta dos Céus” (Gên. 28:16 e 17).

Infelizmente, nem sempre as pessoas podem dizer isto de nossos cultos. A execução de um programa é muito bom, mas não substitui o “estar o pastor cheio do Altíssimo”, como disse uma idosa senhora escocesa, descrevendo o seu pastor.

Há uma coisa que se assemelha ao ateísmo da técnica — a crença de que podemos apresar o reino usando os métodos corretos, tentando alguns novos truques e dando tratos à bola. Lemos livros como *Six Steps to Revival* (Seis Passos para o Reavivamento) ou *Five Simple Techniques for a Growing Church* (Cinco Técnicas Simples para o Crescimento da Igreja), ou *How to Achieve Translation in Seven Minutes a Day* (Como Alcançar a Trasladação em Sete Minutos por Dia). Um céptico pode ser perdoado

do por sugerir que a igreja seria bem-sucedida na realização de tudo o que está fazendo agora, mesmo que não houvesse Deus nem Espírito Santo.

Mais do que de qualquer outra coisa, necessitamos de Deus. Como podemos levar outros Àquele a quem não conhecemos? Devemos ser capazes de dizer o que disse João: “O que era desde o princípio, o que temos ouvido, o que temos visto com os nossos próprios olhos, o que contemplamos e as nossas mãos apalparam, com respeito ao Verbo da vida... o que temos visto e ouvido anunciamos também a vós outros, para que vós igualmente mantenhais comunhão conosco. Ora, a nossa comunhão é com o Pai e com Seu Filho Jesus Cristo” (I João 1:1 e 3).

Pode um ministro não ser realmente um crente? Pode o ministro não conhecer realmente a Deus? Robertson de Brighton adverte contra “a influência insensibilizadora das coisas espirituais”. James Stewart explicou isto ao dizer: “Na verdade, poder-se-ia supor que a própria natureza do apelo do pregador garantisse uma irresistível fidelidade e consagração. Todas as coisas sagradas, porém, constituem uma espada de dois gumes; e embora as atribuições do ministério possam ser uma salvaguarda e uma panóplia, possuem também seus perigos peculiares, e se vingam daqueles que com elas lidam com indevida familiaridade... pois o temor e o assombro profético da presença da revelação de Deus podem muito facilmente transformar-se em mero tráfico mecânico das ordenanças da religião.”

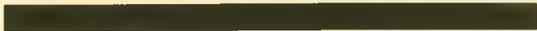
Há uma grande e ávida busca da realidade.

Robert M. Johnston
Professor de Novo Testamento
e Origens Cristãs e das cadeiras
de Novo Testamento do Seminário
Teológico Adventista da Universidade
de Andrews, Berrien Springs, Michigan.

Em tudo que nos cerca — no ambiente, no entretenimento, na literatura, nas artes as pessoas vêem indício de falsidade. Elas estão de tal maneira acostumadas a isto que parecem dispostas a tolerar tal coisa mesmo na religião. Se a realidade sobre elas irrompe de forma inesperada, elas se sentem surpresas e fascinadas.

Stewart escreveu: “Não necessitais ser eloquente, nem talentoso, nem sensacional, nem perito em dialética; *deveis* ser verdadeiro. Falhar neste ponto é falhar abismal e tragicamente. É prejudicar de modo incalculável a causa que representais.”

Como disse um dos meus colegas, um fogo descrito em palavras não aquece ninguém. Deveis ser verdadeiro. Deveis conhecer verdadeiramente a Deus.



Por mais devoradoras que possam ser as chamas de um fogo, elas não podem aquecer ninguém, caso sejam apenas descritas por meio de palavras. Precisamos sentir o fogo. O mesmo se dá com o Espírito Santo.



Como conhecer a Deus

Talvez o que eu disse tenha magoado algum de vós. Talvez estejais pensando: “Como posso conhecer a Deus? Não me recordo de ter-Lhe ouvido a voz, nem de vê-Lo ou prová-Lo. Não sei se O conheço.”

João escreveu sua primeira epístola para responder a tais perguntas. “Estas coisas vos escrevi a fim de saberdes que tendes a vida eterna, a vós outros que credes em o nome do Filho de Deus” (I João 5:13). Esta epístola nos dá certas provas de que podemos aplicar nossa experiência a nós mesmos para saber se ela é verdadeira. Recomendo-vos esta pequena epístola.

Mas como podeis experimentar a Deus? Jesus disse: “Todo aquele que o Pai Me dá, esse virá a Mim; e o que vem a Mim, de modo ne-

nhum o lançarei fora” (João 6:37). Se Ele não nos lança fora, o que faz? Recebe-nos. E quando nos recebe? Quando vamos a Ele. E por que vamos a Ele? Porque o Pai nos deu a Ele.

Deus tem tantas maneiras misteriosas de atrair-nos para Si quantos são os indivíduos — e o Espírito Santo está em cada uma delas. Mas vou dar-lhes o meu próprio testemunho.

Era meu segundo ano em um colégio adventista. Estudei em escolas seculares até o primeiro ano da universidade, embora tivesse sido batizado na igreja antes de entrar na escola superior. Nenhum de meus pais era cristão; meu pai era ateu. Eu havia ouvido as doutrinas apresentadas pelo evangelista que me batizou, e procurei ser obediente a elas, embora tivesse cometido alguns deslizes. Parecia-me agora que embora eu conhecesse um pouco a doutrina e um pouco a lei, eu não conhecia a Deus.

No colégio, uni-me ao que eles chamavam de Cruzada do Evangelismo Pessoal; saíamos cada sábado e distribuíamos folhetos de porta em porta. Eu também assistia às classes bíblicas e às aulas de grego — em grande parte porque estava interessado em línguas. Além disso, havia a Semana de Oração — semana de reavivamento aguardada com ansiedade.

De alguma forma, pela primeira vez em minha vida, fui levado a ler a Bíblia por mim mesmo, e não como um dever de classe. Começando com o livro de Gênesis, passei pelo “fulano gerou-a-fulano” e continuei pelos patriarcas até chegar a Moisés. O fato de que aqueles homens falaram com Deus e Ele lhes respondeu, impressionou-me. Era algo que eu jamais houvera experimentado. Desejei saber se Deus fala às pessoas dessa maneira agora.

Durante uma reunião de oração à qual eu pertencia, deixei escapar inadvertidamente a pergunta: “Algum de vocês já ouviu Deus falar-lhe?” A pergunta pareceu deixar as demais pessoas mudas, embora fossem homens bons. Mais tarde fiquei sabendo que minha pergunta aumentara de tal maneira as dúvidas de um daqueles membros do grupo de oração que ele se tornou um descrente. Naquela noite, outro membro do grupo de oração colocou em minha mesa um pedaço de papel, dizendo-me que lesse I João 4:12. A mensagem desse verso: “Se nos amarmos uns aos outros, Deus permanece em nós, e o Seu amor é em nós aperfeiçoado”, foi útil — mas não era bem o que eu tinha em mente.

Então o professor de Bíblia, a cuja aula eu estava assistindo, mandou-nos escrever o que entendíamos por justificação pela fé. Quanto mais eu pensava sobre o assunto, mais confuso me sentia. Eu não sabia o que era fé. Não consegui escrever tudo quanto devia no trabalho escrito, tendo solicitado ao professor que me permitisse trabalhar nele durante o feriado do Natal.

“Então o professor de Bíblia, a cuja aula eu estava assistindo, mandou-nos escrever o que entendíamos por justificação pela fé. Quanto mais eu pensava sobre o assunto, mais confuso me sentia.”

Naquele feriado não fui para casa. Fiquei totalmente só em meu quarto, no terceiro andar do dormitório Newton Hall. Do lado de fora da janela, a noite era cristalina, e havia estrelas por toda parte. O ar, estava agradável, e tudo estava tranqüilo.

Comecei a estudar a respeito de fé. Usei uma concordância para saber o que a Bíblia tinha a dizer sobre este elemento da vida cristã. E parecia que o Senhor estava dirigindo meu estudo, pois cada texto me preparava para o seguinte. Finalmente, minha pesquisa me levou à página 53 da antiga edição do livro *Caminho Para Cristo*, de Ellen G. White, a primeira página do capítulo intitulado “Fé e Aceitação”. Quando comecei a ler a página, alguma coisa me disse: *Esta é a receita que você andava procurando. Leia devagar, e não passe para a frase seguinte enquanto não tiver feito o que manda a sentença que você está lendo.*

Li: “A medida que vossa consciência foi sendo despertada pelo Espírito Santo, vistes algo da malignidade do pecado, de seu poder, sua culpa, sua miséria; e o olhais com aversão.”

De fato, aquilo descrevia meu sentimento naquele instante.

“Sentis que o pecado vos separou de Deus, que estais cativos do poder do mal.”

Em verdade, sentia-me fora de sintonia com o Universo.

“Quanto mais lutais por escapar a ele, tanto

mais reconheceis vossa impotência.”

Sentia-me em especial afligido com a procrastinação, e estas palavras eram adequadas.

“Vossos motivos são impuros; impuro é vosso coração.”

Aquelas palavras eram severas, mas vinham do Médico.

“Vedes que vossa vida tem sido repleta de egoísmo e pecado. Almejais então o perdão, a pureza, a liberdade. Harmonia com Deus, Sua semelhança — que podeis fazer para alcançá-las?”

Sim, era isso o que eu desejava saber.

“Paz, eis vossa necessidade — o perdão, a paz e o amor celestes em vossa alma. O dinheiro não a pode comprar, não a consegue a inteligência, nem a sabedoria a alcança. Mas Deus vo-la oferece como um dom, ‘sem dinheiro e sem preço’. Ela vos pertence: basta que estendais a mão e a apanheis.”

Eu estava agitado. Sabia que alguma coisa grandiosa estava para acontecer.

“Diz o Senhor: “Ainda que os vossos pecados sejam como a escarlata, eles se tornarão brancos como a neve; ainda que sejam vermelhos como o carmesim, se tornarão como a branca lã”. “E vos darei um coração novo, e porei dentro de vós um espírito novo.”

Quando passei para a página seguinte, sabia que havia chegado a hora da verdade: “Confessastes vossos pecados e de coração a eles renunciastes.”

Eu ainda o não fizera, mas o fiz ali mesmo.

“Resolvestes entregar-vos a Deus.”

Eu o fizera. Mas não sentira nenhuma diferença.

“Ide, pois a Ele, e pedi-Lhe que vos lave de vossos pecados e vos dê um coração novo.”

Fiz isto, mas ainda não experimentei diferença nenhuma.

“Crede então que o fará, porque assim prometeu”.

Então aconteceu! Senti como se fora um calor percorrer todo o meu corpo, da cabeça aos pés, purificando-me. Era como se eu tivesse sido banhado por uma luz pura.

Esta foi a maneira pela qual Deus falou comigo. E quando o fez, senti-me satisfeito. Não mais tive inveja de Abraão. Não mais duvidei. Deus era real.

Procurei continuar lendo, mas era inútil. Minha alma estava muito feliz; não podia sentar-

me. Saí pelo dormitório, procurando alguém a quem pudesse contar o que havia acontecido. Não vi ninguém no terceiro nem no segundo andar, mas encontrei Ben no primeiro andar, em pé na porta aberta — meio inclinado contra o umbral da porta. Ben era o membro do grupo de oração, cuja fé fora abalada pela pergunta que deixei escapar. Quando lhe dei meu testemunho, ele contou-me o que aconteceu com ele. Deus age de várias maneiras misteriosas.

Sua maneira de começar com Deus pode ser diferente. Isto não importa. O importante é que haja um começo.

Cada pessoa pode ter sua maneira de começar com Deus, mas o que importa é que haja um início.

Como renovar sua experiência com Deus.

Quando Jesus tinha doze anos de idade, José e Maria O levaram para assistir à festa da Páscoa em Jerusalém. Ali, em virtude do entusiasmo da viagem, enquanto estavam tomando parte em um serviço religioso e estavam conhecendo outras pessoas, eles perderam o contato com Jesus. Ellen White comenta: “Pela negligência de um dia perderam o Salvador; custou-lhes, porém, três dias de ansiosas buscas o tornar a encontrá-Lo.” Em seguida, ela extrai uma lição: “O mesmo quanto a nós; por conversas ociosas, por maledicência ou negligência da oração, podemos perder num dia a presença do Salvador, e talvez leve muitos dias de dolorosa busca o tornar a achá-Lo, e reconquistar a paz que perdemos.” — *O Desejado de Todas as Nações*, págs. 71 e 72.

Devemos procurar conhecer ao Senhor. Isto, porém, não é suficiente. Importa manter a amizade. O relacionamento precisa ser alimentado. O fogo de ontem não nos aquecerá hoje.

É possível que eu não necessite lembrá-lo dos deveres espirituais — a leitura devocional das Escrituras, oração e meditação. Mas talvez ne-

cessite. Alguns podem realmente achar que todo estudo bíblico e teológico que fazem torna desnecessária a religião “extracurricular”. Num entrevista, Charles Swindoll disse por que suas devoções particulares eram importantes para ele. A primeira razão, segundo ele, era “ajudar a guardar-se contra uma mentalidade de compêndio quando me aproximo das Escrituras. Desejo manter meu coração aquecido, e destruir o cinismo que facilmente surge de uma espécie de estudo da Bíblia inteiramente acadêmico”.

Contudo, seria um grande erro pensar que sua conversa com Deus deva ser interrompida enquanto você faz seu estudo “acadêmico” ou profissional. Não pense que depois de você falar o indispensável com Deus pela manhã, já pode dizer: “Até logo, por enquanto, Senhor — tenho que preparar um sermão sobre o livro de Gálatas. Eu O verei amanhã!” mantenha-se em contato com Deus o dia todo, e o estudo das Escrituras que você fizer, preparando-se para os sermões e estudos bíblicos, pode aumentar o seu conhecimento sobre Ele, sem interromper o seu relacionamento. Torne seu estudo, em si mesmo, um ato de adoração. Faça da recomendação de Paulo aos servos, seu moto: “Tudo quanto fizerdes, fazei-o de todo o coração, como para o Senhor, e não para homens, cientes de que recebereis do Senhor a recompensa da herança. A Cristo, o Senhor, é que estais servindo” (Col. 3:23 e 24).

Com ou sem motivo, seja no escritório, na igreja, no carro ou em casa, exercite a presença de Deus. Mantenha-se falando com Ele. Em tudo quanto for realizar, diga: “Senhor, não posso fazer isto se não me capacitares.” Quando fizer tudo o que executa porque O ama, você experimentará alegria — intensa alegria. Mesmo o trabalho cansativo lhe trará felicidade, pois você terá a Deus como companhia. E se você fizer tudo o que faz para Ele, Ele o ajudará, e o aceitará, e ao seu serviço.

Mas somos pó. Como José e Maria, nós nos esquecemos. Caso isso aconteça com você, o que fazer então?

Se você era animado e se tornou indiferente, lembre-se daquilo que o tornava animado, e faça outra vez. Gênesis 13:3 e 4 nos diz que Abraão fez isto justamente depois de ter experimentado uma derrota espiritual no Egito. Lemos que ele “fez as suas jornadas do Neguebe

até Betel, até ao lugar onde primeiro estivera a sua tenda, entre Betel e Ai; até ao lugar do altar, que outrora tinha feito; e aí Abraão invocou o nome do Senhor.”

O processo de recuperação de Abraão inclui seu retorno a Betel, o lugar no qual havia experimentado uma calorosa amizade com o Senhor.

Todo cristão tem a sua Betel. Pode ser o cantar de um galo. Pode ser o ouvir de algum hino evangélico há muito esquecido. Pode ser um livro fortemente sublinhado. Pode ser o pico de uma colina. Pode ser a capela de um colégio. Para mim, é o Newton Hall. O Senhor faz voltar à minha mente a lembrança daquela noite límpida, e a lembrança dela me anima. E isto me faz reviver.

O que quer ou onde quer que seja, retorne a sua Betel. Volte, caso precise. Conheça a Deus. E continue a conhecer ao Senhor.

E se você sente aquela escuridão de alma que

retorna constantemente a todo santo; se, apesar de tudo, você sente uma fase de aridez, não devem estas coisas separá-lo de Deus. Eis o momento em que a fé mais tem significado. Continue por fé, não por vista. Quando você tiver ouvido a voz de Deus, poderá suportar o Seu silêncio. Esse silêncio pode ser necessário para lembrá-lo de sua dependência dEle.

Conquanto você não esteja certo se conhece a Jesus, tenha fé suficiente para entender que Ele o conhece. Não ore apenas quando sentir prazer; ore *até* você sentir prazer. Às vezes você pode apenas simular sua devoção. Não se preocupe. O Senhor a aceita. Os sentimentos são dados por Deus; cumpra-lhe exercitar a fé. O justo viverá pela fé, não pelo sentimento.

“E a vida eterna é esta: que Te conheçam a Ti, o único Deus verdadeiro, e a Jesus Cristo, a quem enviaste.”

Jejum Melhora Corpo e Espírito

*O jejum pode ajudar a controlar sua cintura.
E pode ajudar a manter sua vida sob o domínio
do Espírito Santo.*

O carro saiu em velocidade até parar em frente da igreja. A porta se abriu e o pastor movimentou uma volumosa barriga embaixo do volante. Com a mão direita, ele se ergueu e saiu do carro, depois entrou bamboleando pela porta do seu escritório e se assentou para um dia de atividades.

Infelizmente, nossa sociedade passou a aceitar, talvez mesmo esperar, que o pregador seja gordo e fora de forma. Há, porém, uma disciplina cristã que, se praticada, fará com que não só alguns excessos de peso do abdômen dos pastores sejam removidos, mas ajudará também a procura de santidade dos pastores.

No Sermão da Montanha, Jesus recomendou três práticas: esmola, oração e jejum (Mat. 6:2, 5 e 16). Os primeiros cristãos sentiam o dever de se unir para fazer tudo o que podiam para se manter unidos a Deus. Eles consideravam estas práticas um privilégio sagrado.

Parece que os pregadores do século XX substituíram esse trio por uma dupla. Eles ainda recomendam a oração e as esmolas. Mas o jejum se perdeu na evasiva.

Tanto o Antigo como o Novo Testamento fazem referência ao jejum. No Novo Testamento a palavra é *nesteria*. Ela se deriva de *ne*, um prefixo negativo, e *estho*, que significa comer. Assim, *nesteria* significa literalmente não comer. As referências do Novo Testamento a *nesteria* incluem Lucas 2:37; Atos 14:23; Mateus 17:21 e Marcos 9:29. *Nesteuo*, o verbo derivado de *nes-*

teria, aparece em Mateus 4:2; 16:17; Marcos 2:18 e 20; Lucas 5:33-35; 18:12; e Atos 13:2 e 3. Tanto *nesteria* como *nesteuo* são usados para jejum voluntário.¹

Colin Brown interpreta *nesteuo* como ter o estômago vazio, ou a abstinência de qualquer espécie de alimento por um limitado período de tempo.² Leon-Dufour apresenta uma sinopse do que é o jejum e daquilo que ele não é. "No judaísmo, ao contrário de outras religiões, o jejum não era uma façanha asceta — não era o alimento um dom de Deus? Era o equivalente à humilhação da própria alma, e atitude ou dependência de Deus, para fazer lamentação ou implorar algum favor."³

Pela simples definição, o jejum é uma abstinência voluntária de qualquer espécie de alimento, por um limitado período de tempo, com um propósito sagrado ou santo.

O Antigo Testamento fala de jejum como aflição da própria alma. Uma vez ao ano, Moisés apelava aos filhos de Israel para que afligissem a alma. Aquela era uma ocasião durante a qual não deveria ser ingerido nenhum alimento, nenhum trabalho feito; na qual os filhos de Israel deviam refletir sobre seus pecados.⁴ Era uma ocasião para se humilharem diante de Deus (Lev. 16:29-31; Núm. 29:7). No livro de Joel, verificamos que Judá foi instada a um jejum nacional em face de um desastre imminente (Joel 2:12). Estes exemplos demonstram que no Antigo Testamento o jejum se refere à cessação da alimentação por um limitado período de

Ronald J. Hill
Pastor da Igreja Adventista
de Novo Concerto, Mênfis, Tennessee.

tempo, com o propósito expresso de humilhar-se diante de Deus ou implorar misericórdia. Era a cessação do alimento, na esperança de aplacar a ira de Deus. Era usado como meio de adoração, mas nunca como meio de obter o favor de Deus. O jejum desempenhou um papel importante na vida do povo de Deus, tanto no Antigo como no Novo Testamento. Diminuiu, o passar dos séculos, nossa necessidade dele?

Jejum e controle de peso

O controle de peso é um verdadeiro problema entre os pregadores. Seus hábitos alimentares e estilo de vida sedentário podem deixá-los em grande necessidade de controle do cinto. Talvez a obesidade seja o maior destruidor da saúde física entre os ministros. As enfermidades cardíacas, pressão alta, diabetes e outras doenças que afligem os pastores de hoje, muitas vezes são causadas ou exacerbadas pela obesidade.⁵

O jejum prolongado faz com que o organismo funcione como um incinerador, queimando os tecidos inúteis e que se acham em decadência.

E há uma relação direta entre a saúde física, a mental e a espiritual. João sugeriu esta harmonia ao escrever: "Amado, acima de tudo faço votos por tua prosperidade e saúde, assim como é próspera a tua alma" (III João 2). Qualquer pastor que sofra de alguma dessas enfermidades, bem faria em considerar de novo a disciplina do jejum. James Morrison declara: "Grande número de doenças há que tem a sua origem na abundância e poderia ter o seu fim no jejum."⁶ Se o ministro encarasse com seriedade a disciplina do jejum, que na verdade ensina o domínio próprio, daria testemunho de uma mudança não apenas nos hábitos alimentares, mas na saúde e no peso. Na verdade, depois de três dias de jejum, é possível começar a perder um quilo por dia.

Durante uma abstinência alimentar prolongada, o corpo começa a agir como um incinerador, queimando os tecidos inúteis e decadentes. Esse processo ocasiona considerável diminuição de peso, pois a gordura e os resíduos perfazem uma grande percentagem do peso do corpo nas pessoas com excesso de peso. Com o declínio do peso corporal e a limpeza e cura que ocorrem durante a abstinência de alimento, o ministro deveria ser capaz de descer do carro com renovada energia para levar avante sua missão no mundo. Wallis descreve essa renovação como um processo de limpeza que "comumente produz, depois de uma abstinência prolongada, um brilho de olhos, respiração livre, limpeza de pele, e uma sensação de bem-estar físico. O aparelho digestivo deve tornar-se como se fosse novo. Depois de uma abstinência de cinco dias, um obreiro cristão declarou: 'Sinto-me como se tivesse um estômago novo.' A fraqueza digestiva que ele tivera durante anos, havia desaparecido."⁷ Um corpo sadio ajuda a tornar a mente sã.

Jejum e dependência

Mas o jejum é necessário mais do que para a saúde física e mental apenas. Os ministros de hoje enfrentam muitos perigos. Para os que vivem numa sociedade que cresce, o maior perigo é a suficiência própria. Deus advertiu os filhos de Israel: "Comerás e te fartarás... Guarda-te não te esqueças do Senhor teu Deus" (Deut. 8:10 e 11). Não existe nenhum conflito entre Deus e o alimento. Quando, porém, são satisfeitas as necessidades temporais, há a tendência de esquecer-se de Deus.

Os ministros auto-suficientes saturam nosso mundo. Enfatuados com o hêlio do orgulho, eles proclamam: "Não é esta (a igreja) a grande Babilônia, que construí...?" (Daniel 4:30) Ninguém que é orgulhoso pode chegar-se a Deus; não cuida do trabalho de Deus. "Perto está o Senhor dos que têm o coração quebrantado, e salva os de espírito oprimido" (Sal. 34:18). Todo ministro deve aprender as lições de bondade e humildade ensinadas por Cristo.

O jejum pode ajudar o ministro a aprender a ser humilde. O jejum em si não torna a pes-

soa humilde, mas prepara o recipiente para a obra de humildade do Espírito Santo. É um ato exterior que ajuda a reforçar uma mudança interna. Assim, o jejum é um ato externo de humilhação que ajuda a fixar a lição de humildade tão necessária na busca da santidade.

“O jejum em si não torna a pessoa humilde, mas prepara o recipiente para a obra de humildade do Espírito Santo. É um ato exterior que ajuda a reforçar uma mudança interna.”

“Jejuar, então, é um corretivo divino para o orgulho do coração humano. É uma disciplina do corpo com tendência para humilhar a alma. ... Se a humildade é o ingrediente básico da verdadeira santidade, o solo no qual florescem as graças, não é necessário que de tempos em tempos humilhemos, como Davi, nossa alma com o jejum? Por trás de muitos pecados que nos assediam e de falhas pessoais; por trás de muitos males que infectam as boas relações de nossa igreja e obstruem os condutos do serviço cristão — o entrecchoque de personalidades e temperamentos, a discórdia e a divisão — jaz o insidioso orgulho do coração humano.”⁸

O jejum e a orientação divina

Por sua própria natureza, a obra do ministro é a obra de Deus. Conhecer a vontade de Deus, ter Sua orientação, eis um assunto sério para o ministro. A própria alma dos homens e mulheres depende em grande medida de sua guia. Dessa maneira, os ministros precisam usar cada método disponível para buscar a vontade e a orientação divinas. Encontramos indício no Novo Testamento de que os apóstolos usaram o jejum como meio de descobrir a vontade divina. “E, servindo eles ao Senhor, e jejuando, disse o Espírito Santo: Separai-me agora a Barnabé e a Saulo para a obra a que os te-

nho chamado. Então, jejuando e orando, e impondo sobre eles as mãos, os despediram” (Atos 13:3). Não posso afirmar, mas creio que a experiência do jejum proporcionou tal relacionamento com o Espírito Santo que foi criado um melhor ambiente para compreender a vontade de Deus. Não, o jejum não garante a guia espiritual. Ao jejuar, porém, colocamo-nos numa condição espiritual que permite ao Espírito Santo ter mais fácil acesso a nós. O estômago está intimamente relacionado com o cérebro, e quando o estômago está cheio, o corpo desvia energias do cérebro para ajudar os órgãos digestivos. Quando não há nenhum alimento no estômago, esta energia fica à disposição do cérebro para que este a use. “Estômago abarrotado, quer dizer cérebro pesado.”⁹

Quando Daniel, o profeta de Deus, usou esta disciplina, Deus lhe revelou o futuro de seu povo (Daniel 9:2, 3, 21 e 22). Os ministros de hoje devem seguir o exemplo de Daniel. Precisamos conhecer o plano de Deus para este mundo e para Seu povo. Ainda se ouve o brado: “Há alguma palavra do Senhor?” (Jer. 27:17). O jejum proporcionará ao ministro a condição necessária para receber a não adulterada palavra de Deus e transmiti-la a um mundo faminto.

Devemos ainda ser cuidadosos em não levar o jejum a extremo. Há o perigo de considerarmos o jejum como um ato meritório, isto é, usar o jejum como um meio de obter o favor de Deus. Alguns cristãos crêm que podem alcançar mérito por meio da mortificação do corpo.¹⁰ Alguns desses cristãos vêem o jejum como uma boa maneira de recomendar-se ao favor divino. Tal ponto de vista entende mal o lugar do esforço humano no plano divino para nossa salvação. Paulo explica: “Porque pela graça sois salvos, mediante a fé; e isto não vem de vós, é dom de Deus; não de obras, para que ninguém se glorie” (Efés. 2:8 e 9). É nossa necessidade que nos recomenda a Deus, não o nosso jejum. Este é apenas uma indicação exterior que revela que reconhecemos nossa verdadeira condição: pecadores que necessitam do Salvador.

Mas fiquem sabendo: nenhum ato exterior é aceitável a Deus se não houver mudança interior, nenhuma humilhação do coração. Por isso, o profeta Joel disse ao povo que rasgasse o coração e não as suas vestes (Joel 2:12). A parte mais importante do jejum é a condição do coração. Temos nós humilhado verdadeiramente

te o nosso coração diante de Deus, ou estamos realizando uma exibição de piedade? Jesus disse aos Seus discípulos: "Quando jejuardes, não vos mostreis contristados como os hipócritas; porque desfiguram o rosto com o fim de parecer aos homens que jejuam. Em verdade vos digo que eles já receberam a recompensa. Tu, porém, quando jejuardes, unge a cabeça e lava o rosto; com o fim de não parecer aos homens que jejuas, e, sim, ao teu Pai em secreto; e teu Pai, que vê em secreto, te recompensará" (Mat. 6:16-18). O jejum é uma disciplina secreta, praticada não para tornar a pessoa aceitável a Deus, mas simplesmente para mostrar o desejo do coração de um mais íntimo relacionamento com Deus.

O exemplo de Jesus

Jesus, nosso exemplo perfeito, ilustrou em Sua vida a necessidade e os benefícios do jejum. Bem no início de Seu ministério, ficou voluntariamente quarenta dias e quarenta noites sem alimento (Mat. 4:2). Ele não desejava que nada interferisse na comunicação entre Ele e Seu Pai. Por meio do jejum e da oração obteve Ele força para a batalha, discernimento para a palavra e determinação para levar avante Sua missão. Esta, porém, não foi a única vez que nosso Senhor jejuou. "Quando Cristo Se via mais tenazmente assaltado pela tentação, não comia nada."¹ Se nosso Salvador sem pecado sentiu a necessidade de jejuar, quanto mais não deveriam os fracos e pecadores ministros sentir a necessidade do jejum!

Finalmente, os ministros cuja visão escatológica das Escrituras aponta para o iminente dia do Senhor, deviam estar particularmente conscientes de sua necessidade de jejuar. Joel e o povo de Judá jejuaram, porque o dia do Senhor estava próximo. O povo de Nínive jejuou, porque a ira de Deus estava prestes a ser derramada sobre eles. Daniel jejuou, porque viu o que Deus estava para fazer a Israel. Mas Daniel viu mais ainda. Ele viu o que deverá acontecer bem no fim da história deste mundo — e esta revelação o prostrou em jejum.

Certo dia os discípulos perguntaram a Jesus: "Dize-nos quando sucederão estas coisas, e qual sinal haverá da Tua vinda e da consumação do século." Jesus respondeu: "Vede que ninguém vos engane. Porque virão muitos em Meu nome, dizendo: Eu sou o Cristo, e enganarão a muitos. E certamente ouvireis falar de guerra e rumores de guerra; vede, não vos assusteis, porque é necessário assim acontecer, mas ainda não é o fim. Porquanto se levantará nação contra nação, reino contra reino, e haverá fomes e terremotos em vários lugares; porém, tudo isto é o princípio das dores" (Mat. 24:4-8).

Os livros de Daniel e Apocalipse revelam que o dia do Senhor está próximo. Podemos ver os sinais, a respeito dos quais escreveu Mateus, por todos os lugares que nos rodeiam. Agora, mais do que nunca, precisamos jejuar. Logo Deus derramará Sua ira sobre este mundo, e muitas almas preciosas serão destruídas, a menos que as ajudemos. Se já houve tempo no qual, como ministros, deveríamos humilhar-nos por meio do jejum e oração, este tempo é agora. Se já houve tempo no qual necessitávamos da orientação de Deus para corrigir o Seu povo, este é o momento. Se tempo já houve em que necessitávamos estar bem fisicamente, para levar avante uma missão tão urgente e decisiva, agora é a ocasião.

Dessa maneira, ministros, continuem orando e dando esmolas, mas reúnam a estas práticas a tão necessária disciplina do jejum.

1. W. E. Vine, *An Expository Dictionary of New Testament Words* (Old Tappan, N. J. Fleming H. Revell, 1966), pág. 80.
2. Colin Brown, *The New International Dictionary of New Testament Theology* (Grand Rapids, Mich.: Zondervan, 1978), pág. 613.
3. X. Leon-Dufour, *Dictionary of The New Testament* (Nova Iorque: Harper and Row Publ., Inc., 1980), pág. 191.
4. D. R. Smith, *Fasting a Neglected Discipline* (Fort Washington, Penn.: Christian Literature Crusade, 1972), pág. 13.
5. *Van Nostrand's Scientific Encyclopedia* (2, Canadá: D. Van Nostrand Co., Inc. 1968), págs. 512 e 881.
6. A. Wallis, *God's Chosen Fast* (Fort Washington, N. J.: Christian Literature Crusade, 1975), pág. 81.
7. *Idem*, pág. 83.
8. *Idem*, págs. 36 e 37.
9. E. G. White, *Ciência do Bom Viver*, pág. 96, 2ª Ed.
10. Smith, pág. 28.
11. E. G. White, *Testemunhos Seletos* vol. 1, pág. 221.

Filhos de Pastor: Aspectos Positivos

*A vida pastoral enfrenta muitos desafios.
Mas oferece também muitos privilégios.*

“**N**ós, filhos de pastores, somos felizes”, disseram João, de 13 anos de idade, e Ruth de 12 anos, quando voltaram de umas férias de duas semanas. O cartaz colocado em nossa porta, dizia: “Feliz regresso. Nós amamos vocês!”

As flores novas, postas sobre a mesa; as prateleiras cheias de latas de conserva; o pão e a torta feitos em casa; além de um refrigerador repleto de carne, queijo e ovos, constituíam um gesto de cordialidade.

Nem sempre meus filhos haviam demonstrado aquele entusiasmo pela vida pastoral. Ocasionalmente houve nas quais eles não queriam ir à igreja, mas foram. Houve oportunidades em que não queriam deixar os amigos e seguir para um novo distrito, mas seguiram. E houve ainda vezes em que eles se rebelaram contra a autoridade, mas obedeceram. Na maioria dos casos, porém, eles apreciaram o privilégio de viver num distrito. Tenho falado com muitas esposas e filhos de ministros, e estou convencida de que os filhos de pastores são especiais. Eles são realmente felizes por ser filhos de pregadores.

Casas especiais

Viver em distritos diversos é emocionante para os filhos de pastor. Em nossos 36 anos

de ministério, já moramos em diversas casas.

A primeira casa pastoral na qual nossos filhos moraram era um antigo prédio de escola. O primeiro pavimento era uma capela; o segundo, nossa casa. Quando chegamos, as lousas ainda estavam nas paredes; depois de alguns arranjos, porém, conseguimos transformá-lo em um apartamento razoável.

Certa vez, durante o culto, subi a escada levando meu bebê para o seu berço, e encontrei outra criança dormindo ali. Juntamente com a vantagem de não precisar levar fraldas para a igreja, havia a desvantagem de partilhar a cama.

Em nossa casa na Flórida, começamos um costume que havíamos seguido durante anos. Uma vez que não houvesse nenhuma sombra ao redor da casa, plantávamos uma árvore. Nossas trôpegas crianças ajudavam a socar a terra que rodeava a árvore recém-plantada. Quinze anos depois, passamos em frente à casa pastoral. Que emoção vermos que nossa pequena árvore era agora uma enorme árvore, que se elevava acima da casa, produzindo a necessária sombra.

Desde aquele tempo, temos plantado sempre alguma coisa permanente no jardim de cada casa paroquial: árvores, roseiras, tulipas, arbustos e outras árvores permanentes. Nossos filhos se têm sentido felizes por proporcionar beleza às famílias dos futuros pastores.

A casa pastoral de Lake Placid foi instalada na encosta de uma colina que ficava acima da

Elaine Cunningham
Além de esposa de pastor, gosta
também de escrever.

igreja. Fizemos um tobogã que ia de nossa casa até à igreja. João e Ruth se lembram com saudade das descidas velozes para irem aos cultos, pelo tobogã. Tendo aprendido a patinar no gelo do lago próximo, eles saíam fazendo acrobacias nos trilhos duplos, enquanto os profissionais de raíais olímpicas faziam seus treinos ao lado deles.

Em New Hampshire, moramos em um apartamento nos fundos da igreja. Quando eu punha o pão no forno, este produzia cheiros apetitosos no interior da igreja. Meu marido procurava terminar o sermão antes que as pessoas começassem a sentir dor de estômago.

De New Hampshire, fomos para uma casa pastoral de cinco cômodos e telhado alto, em Quincy, Massachusetts. Morar nas proximidades de Adams Masion, de John Quincy Adams Homestead e de outros pontos históricos de Boston, ajudou nossos filhos a aprenderem melhor suas lições de história.

De Quincy, fizemos uma longa viagem até uma casa pastoral em forma de rancho, em Indiana, a qual tinha embaixo o salão de festa da igreja. Nossos filhos gostavam de comer ali algumas de suas refeições, e o fizeram durante os nove anos em que ali estivemos.

Agora nossos filhos já se foram, e nós dois conversamos ao redor de uma grande casa pastoral próxima à encosta das colinas do Cascade Mountains. Eles irão gostar dali. Que privilégio tiveram nossos filhos! Quem, como um filho de pregador, teria aprendido a patinar no gelo no Lake Placid, andado de tobogã em New Hampshire e aprendido suas histórias nas próprias origens, em Massachusetts?

Aprender a servir

Muitas oportunidades de servir aguardam o filho do pregador. Nossos filhos visitavam as pessoas que não podiam sair de casa, cortavam gravuras para a Escola Cristã de Férias, cantavam no coro, ajudavam no berçário, distribuía boletins, ajuntavam os hinários, cediam seus quartos para os pregadores e ajudavam de muitas outras maneiras. Se deixarmos nossos filhos notarem que a obra de Deus é importante, eles certamente sentirão a

mesma coisa com respeito a ela. Talvez seja por isso que nosso filho é hoje um missionário na África, e nossa filha está trabalhando ativamente em sua igreja.

Viver numa casa pastoral parece desenvolver o senso de bom humor tanto das crianças como de seus pais.

Certo dia, depois do culto, nosso filho de 10 anos de idade fechou a porta da igreja, trancando-a pelo lado de fora. Foi para casa, imaginando que estávamos do lado de fora, visitando as instalações da igreja com algumas pessoas que continuaram depois do culto. Quando procuramos sair, verificamos que estávamos presos dentro da igreja. A outra única saída era um pequeno deslizador de carvão na carvoaria. Felizmente, conseguimos atrair a atenção de um homem que passava perto da igreja. Ele abriu a porta e nos libertou.

Em outra ocasião, quando esse mesmo garoto estava com cinco anos de idade, ele olhou atentamente para uma senhora visitante que tinha um bigode um tanto perceptível, e disse em voz alta: "Pensava que só os homens tinham bigode". Fiz de conta que não conhecia o menino!

Num seiço de cântico que incluía o hino: "Avante Soldados Cristãos", Ruth cantou "inclinai-vos contra o fone", em lugar de "lançai-vos contra o inimigo". Fico imaginando se ela não teria sofrido uma lavagem cerebral, por viver numa casa pastoral onde sua mãe passava boa parte do tempo atendendo o telefone.

Sim, é divertido conviver com as crianças. Elas também se sentem felizes quando têm pais que possuem um bom senso de humor.

Recordações especiais

Em seu livro *Luther in the Walls*, Bob Benson nos lembra de maneira pungente que depois de nossos filhos irem embora, nossas casas ainda estarão apinhadas de recordações. Pedi aos meus filhos que me contassem suas recordações de infância, especialmente as que se relacionavam com o fato de eles terem sido filhos de pastor.

Às vezes tenho reclamado da vida no ministério. Muitas vezes tenho falhado no papel que desem-

penho como esposa de pastor, e nem sempre tenho sido a mãe ideal. As recordações que meu filho e minha filha me relataram, porém, por intermédio de suas cartas, fizeram desaparecer qualquer lembrança menos positiva que eu guardava, com respeito ao casamento com um pastor e todas as minhas falhas. Eles realmente se consideravam felizes por ser filhos de pregador.

Os filhos de pastores podem ser ensinados a apreciar as coisas boas que estão relacionadas com o trabalho pastoral. Eles se lembrarão com saudade desses fatos.

Minha filha me fez lembrar de como gostava de ajudar a entreter os evangelistas e missionários em nossa casa. Assentar-se à mesa com um missionário que conta suas histórias é inesque-

cível. Ela se lembrava também dos presentes que recebíamos de nossas congregações e de como dividíamos os presentes em dinheiro equitativamente entre os quatro.

Ruth se recordava também de quanto apreciava os domingos, que procurávamos tornar dias especiais na casa pastoral. Após o culto vespertino, regularmente procurávamos relaxar-nos, saboreando pipoca e praticando jogos de mesa. Nossos filhos aguardavam ansiosos aquele momento de estarmos juntos como uma família.

As reuniões campais, convenções e assembleias foram pontos altos na vida de nossos filhos. Eles gostavam de ficar juntos com as demais crianças na campal. Tomavam parte nas perguntas bíblicas e em todas as dez atividades.

João se lembra das bolas de sorvete que tomava na quarta-feira à noite, depois da reunião de oração. Lembra-se também do altar da família, no qual nos revezávamos na responsabilidade de apresentar as meditações para a noite.

Confesso que as lágrimas me rolaram pela face ao ler as cartas que meus filhos escreveram.

Humildade: Caminho Que Leva ao Alto

Utilizando-se de várias citações, tanto da Bíblia como dos escritos de Ellen White e outros autores, o autor deste artigo (na verdade um sermão) procura dizer o que é e o que não é humildade.

O caminho que conduz ao alto, é para baixo, e o caminho para baixo é para cima. Por que escolhi este tema para hoje? Por esta razão: A menos que esta lição seja aprendida, “jamais entraremos no Céu”. — *Testimonies*, vol. 4, pág. 368.

“Quanto mais importante é a posição de alguém, e maior sua influência, maior é a necessidade de que cultive a paciência e humildade.” — *Patriarcas e Profetas*, pág. 441.

A HUMILDADE é o atributo que gostaria de considerar hoje, por um momento.

Salomão exemplificou esta virtude nos seus primeiros anos e, tivesse ele “continuado a servir ao Senhor em humildade, todo o seu reinado teria exercido poderosa influência para o bem sobre as nações circunvizinhas — nações que tinham sido tão favoravelmente impressionadas pelo reinado de Davi, seu pai, e pelas sábias palavras e magnificentes obras dos primeiros anos de seu próprio reinado”. — *Profetas e Reis*, pág. 42.

De novo é respondido o porquê; desta vez, tendo o que ver com você e comigo:

“Deus opera por quem Ele quer. Muitas vezes escolhe os instrumentos mais humildes para as maiores obras; porque Seu poder é revelado na fraqueza do homem. Temos nosso padrão e por ele declaramos uma coisa grande e outra pequena; mas Deus não avalia de conformidade com nossa medida. Não devemos supor

que o que para nós é grande o é também para Ele. Não nos compete julgar nossos talentos ou escolher nosso trabalho. Devemos aceitar as incumbências que Deus determinar, devemos suportá-las por Sua Causa, e sempre ir a Ele para obter descanso.” — *Parábolas de Jesus*, págs. 363 e 364.

Um porquê final:

“Jesus veio em pobreza e humildade, para que pudesse ser nosso exemplo, ao mesmo tempo que nosso Redentor. Houvesse aparecido com pompa real, como poderia ter ensinado a humildade? Como poderia haver apresentado tão incisivas verdades como as do sermão da montanha? Onde estaria a esperança dos humildes da vida, houvesse Jesus vindo habitar como rei entre os homens?” — *O Desejado de Todas as Nações*, pág. 121.

O QUE, então, significa realmente *humildade*?

“A qualidade ou estado de humilde.” Dessa forma... o que significa *humilde*? Já ouviu falar de “humor”? — quer dizer terra! Isto nos diz alguma coisa?...

Naturalmente, se formos um pouco além, podemos chegar à definição que consiste em: Nenhum orgulho ou soberba; nenhuma arrogância ou dogmatismo. Reflexivo, expressivo ou apresentado num espírito de deferência ou submissão.

Que é, então, humildade?

“... humildade é a *porta* que leva aos ricos

Pastor Karl Bahr
Sermão pregado no México em 1989

suprimentos da graça de Deus.” — *Testimonies*, vol. 1, pág. 598.

Que é humildade? Humildade é grandeza!

“Repetidamente procurara Jesus estabelecer este princípio entre os discípulos. Quando Tiago e João pediram para ser postos em destaque, disse: ‘Todo aquele que quiser entre vós fazer-se grande seja vosso serviçal’ (Mat. 20:26). Em Meu reino não tem lugar o princípio de preferência ou supremacia. A grandeza única é a grandeza da humildade. A única distinção baseia-se na dedicação ao serviço dos outros.” — *O Desejado de Todas as Nações*, pág. 650.

Perguntemos ao apóstolo Pedro o que é humildade. Ele dirá:

“Rogo igualmente aos jovens: Sede submissos aos que são mais velhos; outrossim, no trato de uns com os outros, cingi-vos todos de humildade, porque Deus resiste aos soberbos, contudo aos humildes concede a Sua graça. Humilhai-vos, portanto, sob a poderosa mão de Deus, para que Ele, em tempo oportuno, vos exalte” (I Pedro 5:5 e 6; *Atos dos Apóstolos*, pág. 527 e 528).

A verdadeira humildade consiste em ver-nos da maneira por que Deus nos vê, e saber que por meio de Cristo podemos fazer todas as coisas.

O caminho para cima é para baixo — um paradoxo?

Ouçamos, com respeito a isto, diretamente dos lábios de Jesus: “Se alguém quer vir após Mim, a si mesmo se negue, tome a sua cruz e siga-Me” (Mar. 8:34).

Paul Cedar, que foi durante algum tempo pastor da Igreja Congregacional do Lake Avenue para idosos, em Pasadena, Califórnia, mostrou isto de maneira muito sucinta, numa entrevista recente:

“A vida de autenticidade é contingente, além de ser transparente diante de Deus. E esta é a chave da humildade. A humildade não é ter um

complexo de inferioridade — algo que experimentei durante anos. Sofri ao pensar que a fim de ser espiritual, eu tinha que ser um verme. A humildade bíblica autêntica é ver a mim mesmo como Deus me vê, e saber que posso fazer todas as coisas por meio de Cristo que me fortalece. Sei que não estou qualificado para ser o pastor desta igreja. Não possuo tudo o de que ela necessita. Mas se eu andar em Espírito, posso ser eficiente aqui.

“Tempos atrás, quando eu estava sendo entrevistado como um jovem de 21 anos em Cedar Rapids, Iowa, um piedoso pastor disse algo que me deixaria pensativo: ‘O que me impressiona a respeito de sua vida aqui, Paulo’, disse ele, ‘é que penso que você tem todos os talentos de que necessita para realizar este trabalho e fazê-lo bem. E estou temeroso até a morte de que é isto o que você vai fazer’. Não sabia bem como entender aquilo. Então ele continuou: ‘O que eu desejo para você é uma ocupação na qual você saiba que não possui todos os talentos, a fim de que tenha que depender do Espírito Santo, e vá além de você mesmo.’ Esta idéia me tem acompanhado. O esforço é a outra parte da maneira como Deus nos mantém honestos. Ele nos coloca, como fez com Moisés, em situações nas quais somos inteiramente incapazes sem Ele.” (*Leadership*, Summer Qtr. 1984, págs. 22 e 23, vol. 15, Nº 3.)

O que a humildade não significa

Meu autor predileto, além da Bíblia, fala sobre isto da seguinte forma (e por falar nisso, permitam-me dizer que a maioria dos conceitos apresentados aqui hoje, são da mesma pena inspirada, a menos que seja mencionado):

“Muitas vezes somos inclinados a chamar o espírito de servo madraço, de humildade. A verdadeira humildade é muito diferente, porém. Sermos revestidos de humildade não significa devermos ser de intelecto medíocre, aspirações deficientes, e covardes em nossa vida, esquivando-nos de cargos com medo de não sermos bem-sucedidos. A verdadeira humildade cumpre o propósito de Deus, confiante no Seu poder.” — *Parábolas de Jesus*, pág. 363.

Qual a mais bela e a melhor lição a ser aprendida?

A uma irmã que achava que sabia tudo, foi escrito o seguinte:

“A mais bela e melhor lição a ser aprendida deve ser a da humildade. ‘Aprende de Mim’, diz o humilde Nazareno, ‘que sou manso e humilde de coração; e achareis descanso para vossas almas.’ Esta lição de mansidão, tolerância, paciência e amor debes ainda aprender e praticar. Podes ser uma bênção. Podes ajudar, da mesma forma que necessitas de ajuda; debes abandonar tua fita métrica, pois ela não deve ser usada por ti. Aquele que não erra no julgamento, que compreende as fraquezas de nossa decadente e corrompida natureza, mantém Ele mesmo o padrão. Ele pesa nas balanças do santuário, e Sua justa medida devemos todos aceitar.” — *Testimonies*, vol. 2, pág. 438.

Notaram estas palavras — mansidão, tolerância, paciência, amor? Elas me fazem lembrar o que Isaque Newton (o naturalista e escritor inglês) escreveu há mais de 300 anos em *The Compleat Angler*: “Notareis que a pesca com anzol se assemelha à virtude da humildade, que tem a acompanhá-la uma calma de espírito e um mundo de outras bênçãos.” Em outras palavras, aprendei a ser humildes, e muitas outras virtudes certamente virão no mesmo pacote!

Davi nos deu uma lição de humildade — o Davi da Bíblia, naturalmente. É-nos dito que a grande honra a ele conferida ao ser ungido rei, “não teve como resultado ensoberbecê-lo. Apesar do elevado cargo que deveria ocupar, continuou silenciosamente com sua ocupação, contente com esperar o desenvolvimento dos planos do Senhor, no tempo e maneira que Lhe aproovessem. Tão humilde e modesto como antes de sua unção, o pastorzinho voltou às colinas, e vigiava e guardava seus rebanhos com tanta ternura como sempre.” — *Patriarcas e Profetas*, pág. 641.

Pensemos um pouco neste aspecto da humildade, relacionado com o preparo de Davi. “A primeira parte da vida de Davi, como pastor, com suas lições de humildade, trabalho paciente e terno cuidado pelos seus rebanhos; a comunhão com a Natureza na solidão das colinas, desenvolvendo o seu gênio para a música e poe-

sia, e dirigindo seus pensamentos ao Criador; a longa disciplina de sua vida no deserto, pon-do em exercício a coragem, fortidão, paciência e fé em Deus, foram designadas pelo Senhor como preparo para o trono de Israel.” — *Idem*, pág. 476.

Outro exemplo é o de João Batista. “Diante da honra vai a humildade. Para ocupar um elevado cargo diante dos homens, o Céu escolhe o obreiro que, como João Batista, assume posição humilde em face de Deus. O mais infantil dos discípulos é o mais eficiente no trabalho para Deus.” — *O Desejado de Todas as Nações*, pág. 421.

João Batista e outros servos de Deus revelaram sua grandeza quando mais humilde foi o gesto que demonstraram para com o seu semelhante.

O exemplo de João Batista mostra que o caminho para cima é para baixo.

Avancemos no tempo uns dois mil anos, aproximadamente. Estais lembrados da reação do presidente dos Estados Unidos à acusação de que não era um “bom presidente”, por causa do sofrimento que seu corte orçamentário havia causado à pobreza? É salientado que ele sorriu, e disse: “Bem, no momento em que fiquei sabendo que ela havia feito esta declaração, voltei a outra face.” — *Time*, 6 de agosto de 1984, pág. 17.

Na minha maneira de ver, meu pai foi um grande homem. Talvez não por causa de alguma grande realização (segundo o conceito do mundo), mas por causa de sua humildade.

Quando estávamos nas Filipinas, durante a II Guerra Mundial, freqüentemente ele precisava falar com as autoridades militares japonesas. (Nesse tempo, éramos cidadãos alemães, não sendo, dessa forma, prisioneiros. Na verdade, embora a Alemanha fosse considerada aliada do Japão, éramos tidos como “amigavelmente inimigos”, uma vez que todos os “brancos” eram considerados “suspeitos”.)

Foi durante aquele tempo que ouvi várias vezes meu pai dizer que preferia lidar com um capitão ou elemento de patente mais elevada, a

ter que entender-se com um soldado raso ou cabo. Na maioria dos casos, quanto mais alta a patente, tanto mais bondade, humildade e compreensão.

Outros exemplos de humildade

Mesmo os anjos, encarregados da Arca do Concerto, mostram humildade. “Uma asa de cada anjo estendia-se ao alto, enquanto a outra estava fechada sobre o corpo em sinal de reverência e humildade.” — *Patriarcas e Profetas*, pág. 360.

João, o discípulo amado, um dos irmãos que queriam sentar-se ao lado de Jesus em Seu reino, também se tornou uma pessoa humilde, depois que Jesus lhe mudou a vida. A seu respeito está escrito:

Mesmo que tenham pouca instrução, os homens que aprendem na escola de Cristo se tornam humildes e, por isso, tornam-se grandes.

“Ao discípulo amado foram concedidos tão exaltados privilégios como dificilmente seriam confiados a mortais. Todavia, teve ele de tornar-se tão intimamente semelhante ao caráter de Cristo, que o orgulho não encontrava nenhum lugar em seu coração. Sua humildade não consistia em mera profissão; era — atente para isto — uma graça que o envolvia tão naturalmente como uma roupa. Ele procurava sempre ocultar seus atos de justiça própria, e evitar tudo o que parecesse atrair a atenção para si mesmo. Em seu Evangelho, João menciona o discípulo a quem Jesus amava, mas esconde o fato de que a pessoa assim honrada era ele próprio.” (*SL*, 78 e 79.)

Embora João tenha vivido e andado com Cristo por cerca de três anos e meio, e tivesse a vantagem daquele “perfeito modelo de humildade, operosidade e obediência” (*Ev*, 636), também nós podemos ter a mesma experiência hoje.

“A humildade, a abnegação, a beneficência e a entrega fiel do dízimo, mostram que a graça de Deus está operando no coração. O maior Professor, o maior Médico que o mundo já conheceu, ensinou muitas lições sobre a necessidade da humildade. Estas lições devem ser postas em prática pelos Seus seguidores.” — *Conselhos Sobre Saúde*, pág. 590.

Onde e quando deve a humildade ser evidenciada?

O zelo cristão não se resume em falar, mas sentirá e agirá com vigor e eficiência. Contudo, o zelo cristão não agirá pelo desejo de ser visto. A humildade caracterizará cada esforço e será visto em cada ato.” — *Testimonies*, vol. 2, pág. 233.

“A humildade e a reverência devem caracterizar o comportamento de todos os que vão à presença de Deus. Em nome de Jesus podemos ir perante Ele com confiança; não devemos, porém, aproximar-nos dEle com uma ousadia, como se Ele estivesse no mesmo nível que nós outros.” — *Patriarcas e Profetas*, pág. 255.

Lehman Hotchkiss, um pastor de igreja, afirmou que: “O cultivo da humildade e reverência perante o Senhor pode guardar-nos da tendência de tornar-nos arbitrários, insensíveis e orgulhosos. Para mim, empregar a disciplina da igreja sempre resultou em um maior senso de humildade. Conhecendo a pessoa que caiu, tenho um senso muito mais forte de que ninguém está fora do alcance da tentação.” (*Leadership*, Summer Qtr. 1984, pág. 48.)

Sobre o assunto de *Onde e Quando*, permitam referir-me mais uma vez a Paul Cedar, nesta citação:

“Quando eu tinha 23 anos de idade, comecei a trabalhar com a organização Graham como um cruzado associado, viajando, fazendo arranjos com pastores. E logo pude perceber que muitos ocupavam posições de liderança apenas por causa de política. Eles haviam pleiteado sua ascensão, e a vida do Espírito — a espécie de características mencionada em Filipenses 2 — muitas vezes estava ausente. Quando você é o pastor da igreja, pode arruinar-se por chegar onde está dessa maneira, muitas vezes. Reúna,

porém, uma comissão de cinco ou seis pastores na mesma cidade, e algumas dinâmicas intrigantes virão à luz. Nem todos podem ter o seu próprio caminho.

“Comecei a notar duas espécies de membros de comissão: os amados servos de Cristo, que fariam qualquer coisa que precisasse ser feita, sem levar em conta a quem pertencia a glória, e as pessoas que jamais haviam sido vistas antes de Billy chegar à cidade. De repente, ei-los ali, à sua direita e à sua esquerda, como Tiago e João...”

Ele conclui, dizendo: “Estou grandemente convencido do princípio de que o Senhor faz a promoção” (*Leadership*, Summer Qtr. 1984, vol. 5, pág. 14, nº 3).

Pudéssemos estabelecer um paralelo com a nossa própria Comissão de Igreja ou Comissão Escolar, e poderíamos encontrar muitos membros de comissão que são usados para atingir seus próprios objetivos. Eles não precisam ser todos médicos, dentistas, administradores ou advogados. Mesmo a empregada doméstica do administrador pode ser usada para atingir os próprios objetivos, na maioria dos casos. Que acontece quando todos estes indivíduos se reúnem numa comissão? Observa-se humildade?

Muitas vezes perguntamos: Mas, como?

“**O** andar cabisbaixo e com o coração cheio de preocupações não constitui prova de verdadeira humildade.” — *O Grande Conflito*, pág. 477.

“Quanto mais alguém vê o caráter de Deus, tanto mais humilde se torna, e tanto mais baixa será sua estima própria” (*SD*, 68).

“Ao passo que fala a Deus de pobreza de espírito, pode o coração ensoberbecer-se com a presunção de sua humildade superior e exaltada justiça. Só de um modo o verdadeiro conhecimento do próprio eu pode ser alcançado. Precisamos olhar a Cristo. O desconhecimento dEle é que dá aos homens uma tão alta idéia de sua própria justiça. Ao contemplarmos Sua pureza e excelência, veremos nossa atonia, pobreza e defeitos, como realmente são.” — *Parábolas de Jesus*, pág. 159.

Estamos começando a entender o quadro do COMO?

“A razão por que Ele não escolhe mais vezes homens de saber e alta posição para dirigir os movimentos da Reforma, é o confiarem eles em seus credos, teorias e sistemas teológicos, e não sentirem a necessidade de ser ensinados por Deus. Unicamente os que têm ligação pessoal com a fonte da sabedoria são capazes de compreender ou explicar as Escrituras. Homens que têm pouca instrução colegial são por vezes chamados para anunciar a verdade, não porque sejam ignorantes, mas porque não são demasiado pretensiosos para ser por Deus ensinados. Aprendem na escola de Cristo, e sua humildade e obediência os torna grandes. Concedendo-lhes o conhecimento de Sua verdade, Deus lhes confere uma honra, em comparação com a qual as honras terrestres e a grandeza humana se reduzem à insignificância.” — *O Grande Conflito*, págs. 457 e 458.

O caminho para cima é para baixo?

Sim! E quanto ao caminho para baixo ser para cima?

Vejamos o primeiro exemplo: “Como caíste do Céu, ó estrela da manhã, filho da alva! Como foste lançado por terra, tu que debilitavas as nações! Tu dizias no teu coração: Eu subirei ao Céu; acima das estrelas de Deus exaltarei o meu trono, e no monte da congregação me assentarei, nas extremidades do Norte; subirei acima das mais altas nuvens, e serei semelhante ao Altíssimo. Contudo serás precipitado para o reino dos mortos, no mais profundo do abismo.” Isaías 14:12-15.

“Doloroso é aprender as lições de humildade; contudo, nada é mais benéfico, no final. O sofrimento resultante do aprendizado das lições de humildade é consequência de sermos exaltados por uma falsa estima de nós mesmos, de tal maneira que somos incapazes de ver nossa grande necessidade. A vaidade e o orgulho enchem o coração dos homens. Unicamente a graça de Deus pode operar uma transformação.” — *Testimonies*, vol. 4, pág. 378.

Difícil? Sim! Mas leva cada um de nós a dizer como Paulo: “Tudo posso naquele que me

fortalece” (Filip. 4:13).

Estais lembrados da parábola de Jesus, registrada em Lucas 14:7-12? Lede-a na versão TEV:

“Jesus observou como alguns dos convidados estavam escolhendo os melhores lugares, de maneira que disse a todos eles esta parábola: Quando alguém convidar vocês para uma festa de casamento, não se assentem no melhor lugar. Pode acontecer que alguém mais importante do que vocês tenha sido convidado, e o dono da casa, que convidou tanto a vocês como a ele, tenha que chegar e dizer-lhes: preciso deste lugar. Então vocês ficarão desenhados e terão que assentar-se no lugar mais baixo. Em lugar

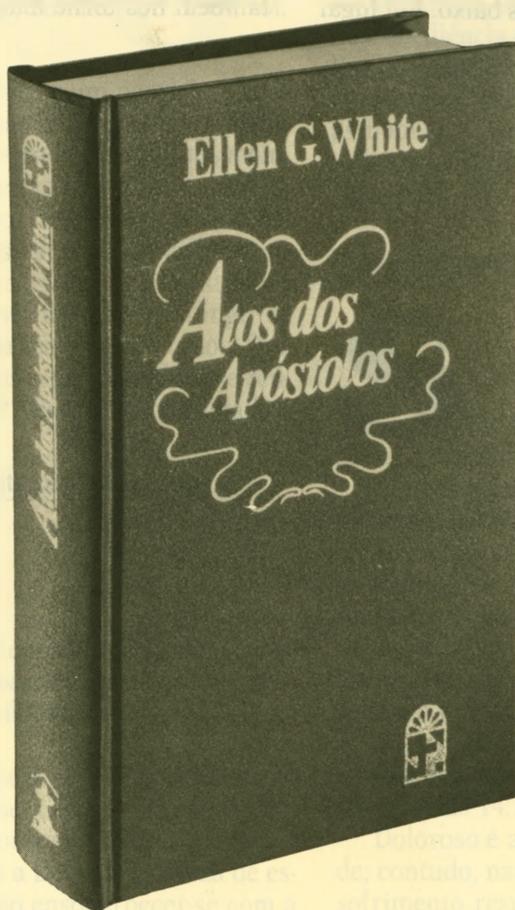
disso, quando forem convidados, procurem sentar-se no lugar mais baixo, para que o dono da casa venha e diga a vocês: subam, meus amigos, para um lugar melhor. Isto lhes trará honra na presença de todos os outros convidados. Pois todos os que a si mesmos se fazem grandes serão humilhados, e todos os que se humilham serão feitos grandes.”

Estamos dispostos a seguir hoje estes conselhos de Jesus? — não só Seus conselhos, mas também Seu exemplo supremo? Que esta experiência seja nossa experiência pela fé, mediante a graça de Deus. Que ela não só nos leve para mais perto de nosso Senhor e Salvador, mas também nos torne mais unidos como grupo.

Os Embaixadores do Céu

Eles invadiram todas as províncias do vasto império romano para transmitir uma estranha mensagem. Sua história comovente, com episódios de destacada coragem e heroísmo, prende-nos a atenção do começo até o fim.

Este livro faz sucesso em vários países do mundo tendo vendido milhões de cópias. Você não pode perder a oportunidade de adquiri-lo.



Casa Publicadora Brasileira
Caixa Postal 34 — Fone (0152) 51-2710
CEP 18270 — Tatuí, SP.